

A HERANÇA FENOMENOLÓGICA NO ÂMBITO DA FACULDADE DO PENSAR NO CONTEXTO DA FILOSOFIA DE HANNAH ARENDT¹

THE PHENOMENOLOGICAL INHERITANCE IN THE CONTEXT OF THE FACULTY OF THINKING IN THE CONTEXT OF HANNAH ARENDT'S PHILOSOPHY

Thamara Souza Custódio Batista²

Glória Maria Ferreira Ribeiro³

José Luiz de Oliveira⁴

RESUMO

Nesse artigo, serão analisadas as abordagens de Hannah Arendt relativas ao entendimento assumido por ela acerca da questão do mundo das aparências. Tema esse de sua filosofia política que se associa à ação do homem no mundo juntamente com a questão do dois-em-um do pensamento e da distinção entre trabalho e obra na

1 Esse artigo é um recorte com atualizações do trabalho de monografia apresentado na Universidade Federal de São João del-Rei em 2013.

2 Licenciada e Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) 2012/2013. Atualmente professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, lotada na Escola Estadual Professora Corina de Oliveira, em Uberaba, Minas Gerais. E-mail: thamarascustodio@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1704-9930>

3 Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2007). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG (2001). Graduação e Especialização em Filosofia pela Universidade Federal de São João Del-Rei- UFSJ (1993 e 1995). Pós-doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011). Professor de Filosofia, História e Sociologia na Educação Básica (1990- 2000). Diretor da Escola Estadual Inácio Passos (2000- 2002). Atuou como professor de Filosofia do Direito e Sociologia do Direito no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves- IPTAN (2002- 2006) e no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos - UNIPAC (2002- 2006). Foi professor adjunto I de Filosofia e Sociologia da UFAM - Universidade Federal do Amazonas (2007 - 2008). Na UFAM no campus de Parintins foi o seu primeiro coordenador acadêmico (ICSEZ). Atualmente é professor Titular do Departamento de Filosofia e Métodos da Universidade Federal de São João del-Rei. Atua como professor de Filosofia Política Contemporânea, com ênfase nos temas: totalitarismo, revolução, republicanismo e Direitos Humanos. Privilegia as investigações em torno das filosofias de Hannah Arendt, Norberto Bobbio e Claude Lefort. Foi coordenador do GT de Filosofia Política Contemporânea da ANPOF. Foi chefe do Departamento de Filosofia e Métodos da UFSJ por dois anos (2019 a 2021). Exerceu a função de coordenador do curso de pós-graduação lato sensu em Ensino de Filosofia no Ensino Médio (2019 a 2021). Foi membro representante docente no Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGFIL/UFSJ). Desde 21 de maio de 2024, está exercendo a função de pró-reitor adjunto de Ensino de Graduação da UFSJ. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Claude Lefort, Hannah Arendt e Norberto Bobbio (GEPLEHANB), registrado no Diretório dos Grupos do CNPq. Email: jlos@ufsj.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8086-9467>

4 Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), doutorado (1991) e pós-doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016) .Pós-doutorado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atualmente é professora titular da Universidade Federal de São João Del-Rei. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Metafísica, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, cultura, existência, filosofia e linguagem. E-mail: gloriamfr@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1895-5377>

vita activa, a fim de explicitar as posições e as possibilidades do homem no mundo. Arendt coloca que a natureza fenomênica do mundo e, por definição, a sua pluralidade intrínseca, torna impossível um discurso “eterno e imutável” como medida para os assuntos humanos e o caráter pluralista das coisas. Com isso, o artigo busca demonstrar como Arendt nos convida a perceber que, o aparecer ocorre na medida em que o indivíduo singular percebe o mundo. Pois os indivíduos perceberem e serem percebidos ao mesmo tempo, existindo assim, infinitas diversidades de aparências. Pois, essa estrutura de Ser se justifica, para ela, pelo modo de *ser do mundo*. Estrutura essa que se localiza de forma que os seres vivos, os homens e os animais não estão apenas lançados no mundo, mas são responsáveis por ele, e essa estrutura de mundo, se justifica, através da pluralidade.

Palavras-chave: pluralidade; espectador; aparências.

ABSTRACT

In this article, Hannah Arendt's approaches to her understanding of the issue of the world of appearances will be analyzed. This theme of his political philosophy is associated with man's action in the world together with the question of the two-in-one of thought and the distinction between work and work in the vita activa, to explain man's positions and possibilities in the world. Arendt states that the phenomenal nature of the world and, by definition, its intrinsic plurality, makes an “eternal and immutable” discourse impossible as a measure for human affairs and the pluralistic character of things. With this, the article seeks to demonstrate how Arendt invites us to realize that appearing occurs as the singular individual perceives the world. Because individuals perceive and are perceived at the same time, there are thus infinite diversities of appearances. Because this structure of Being is justified, for her, by the way of being in the world. This structure is in such a way that living beings, men and animals are not only thrown into the world, but are responsible for it, and this structure of the world is justified through plurality.

Keywords: plurality; viewer; appearances.

INTRODUÇÃO

A fenomenologia é um modo de pensar que surgiu ao fim do século XIX e se instaurou no início do século XX a partir dos filósofos Husserl, Heidegger e Jaspers como tentativa de recuperação da dimensão de singularidade dos homens. Arendt se inclui a partir do fato em que ela conjuga a preocupação com a singularização dos homens com a política, pois para ela, existe um possível modo fenomenológico de pensar a política⁵.

Hannah Arendt ainda na Alemanha, de onde se exilou em 1933, estudou nas Universidades de Marburgo, Friburgo e Heidelberg, tendo sido aluna de Heidegger e Jaspers. Nesta última, doutorou-se em 1928, com sua tese sobre *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*, orientada por Jaspers.⁶ Dessa forma, foi influenciada por esses pensadores, e em consequência, pela fenomenologia.

Devido a esse fato, se faz necessário nesse trabalho, explicitar os principais pontos de influência que Arendt herdou do pensamento de Heidegger e Jaspers, principalmente.

5 AGUIAR, Odílio (org). Política e Finitude In: *Filosofia Política Contemporânea*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

6 LAFER, Celso. *HANNAH ARENDT* Pensamento, persuasão e poder. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. P. 23.

Com Heidegger, Hannah Arendt aprendeu que pensar não é pensar *sobre* alguma coisa, mas pensar alguma coisa, isto é, que não existe a oposição entre a razão e a paixão, entre o espírito e a vida em Heidegger, mas sim, como aprendeu Hannah Arendt, a possibilidade de um pensar apaixonado, no qual o pensar e o estar vivo consistem em uma unidade que se funde. Entretanto também em Heidegger, Hannah Arendt verificou que a relação dos filósofos com a Política, desde Platão, é uma relação dilemática, e que a tentação de servir à tirania para impor uma verdade, é grande⁷.

Entretanto, a maneira de como escapar dessa tentação ela herdou de Jaspers, e a partir dessa herança se debruçou acerca da questão do totalitarismo e os problemas políticos contemporâneos.

Arendt pode perceber também, que a ideia central da filosofia de Jaspers se dava a partir da comunicação ilimitada, que significa ao mesmo tempo a fé na compreensibilidade de todas as verdades e uma boa vontade de palavra e atenção, como pré-requisito de todo comércio humano. Além disso, filosofia, para Jaspers, teria em comum com vida pública o fato de serem ambas algo que diz respeito a todas as pessoas. O filósofo, neste sentido, assemelha-se ao homem de Estado porque deve responder pessoalmente pelas suas opiniões⁸.

Kant, que segundo Hannah Arendt, na leitura que faz da *Crítica do Juízo*, foi um dos poucos que chegou a uma filosofia política, deu-se conta que, politicamente, não existimos no singular, mas coexistimos no plural. E essa foi a grande herança que Arendt pode ter em sua filosofia. Pois a pluralidade da intersubjetividade requer a comunicação, e esta pressupõe o que Kant chama de “mentalidade alargada”, isto é, um pensar sempre ligado ao pensamento do outro. É essa lição que fará de Hannah Arendt imune ao risco de tentação filosófica, ou seja, impor aos outros a sua verdade no mundo, sendo esse um dos pontos fortes de Arendt⁹.

1. A VITA ACTIVA: DISTINÇÃO ENTRE TRABALHO E OBRA

Hannah Arendt aborda a questão da mundanidade das atividades humanas e enfoca como tais atividades aparecem no mundo e contribuem para a sua manutenção. Essas atividades são analisadas em dois planos, a saber: a *vita activa* e a vida contemplativa que se relacionam no mundo em diferentes medidas¹⁰. De acordo com Arendt, o mundo é uma realidade compartilhada pela pluralidade dos homens, e pela aparência. Sendo a realidade constituída pelas referidas atividades humanas, e a pluralidade a lei da Terra¹¹. Neste sentido, o mundo torna-se uma experiência comum a todos, pois as experiências são compartilhadas na pluralidade e possuem um significado que vai além da utilidade dos objetos. Dessa maneira, Arendt enfoca a relação entre as atividades humanas e o mundo e como cada atividade humana contribui de maneira distinta para a durabilidade e a existência objetiva desse mundo.

7 LAFER, Celso. *HANNAH ARENDT* Pensamento, persuasão e poder. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

8 LAFER, Celso. *HANNAH ARENDT* Pensamento, persuasão e poder. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. P. 24.

9 (LAFER. 2003, p. 24).

10 Sobre isso, diz Arendt: “O que me interessava no estudo sobre a *Vita activa* era que a noção de completa quietude da *Vita contemplativa* era tão avassaladora, que, em comparação com ela, todas as diferenças entre as diversas atividades da *Vita activa* desapareciam”. (ARENDR, 2009, p. 22)

11 (ARENDR. 2009, p. 35).

Para tratar dessa questão, é preciso recorrer a duas obras de Arendt: *A Vida do Espírito* de 1971 e *A Condição Humana* de 1958. Particularmente em *A Vida do Espírito*, Hannah Arendt trata das faculdades do espírito, da vida contemplativa: O pensar, o querer e o julgar. Mesmo falecendo antes de terminar a abordagem acerca do julgar, Arendt deixa contribuições relevantes para análise. Para nossa autora, essas atividades são autônomas e incondicionadas em relação ao mundo das aparências. Já em *A Condição Humana*, Arendt trata das faculdades da *vita activa*, que se colocam como sendo de natureza condicionada da vida humana, quais sejam: o trabalho, a obra e a ação.

Dessa forma, para Arendt, embora existam esses dois âmbitos ela salienta que todas as atividades humanas se relacionam com o mundo, embora em diferentes medidas. Pois se relacionam com os outros homens e levam em conta a presença dos demais no mundo. Eis a pluralidade em questão, pois para nossa autora, nenhuma atividade se desenvolve em absoluto isolamento.

Mas o que seria então esse mundo para Hannah Arendt? Como as relações se dão dentro dele, tendo em vista essas duas faculdades? De acordo com Arendt, o mundo é a realidade compartilhada pela pluralidade dos homens, essa realidade é construída pelas atividades humanas. Dessa maneira, a categoria *interesse* se estabelece, e é fundamental para compreender essa ideia de mundo: o mundo nos é comum, porque significa *inter est*, algo que está entre as pessoas e por isso as une e ao mesmo tempo separa. Nesse sentido, é mundo comum, porque existe como experiência compartilhada. O mundo é o que se aproxima, separa e relaciona os homens entre si, ou seja, possui um significado que vai além da utilidade dos objetos.

A mundanidade das atividades da *vita activa* está assegurada pela durabilidade de seus produtos, isto é, pelo fato de permanecerem no mundo o tempo suficiente para serem percebidos como objetos mundanos. As atividades da vida contemplativa ou da vida do espírito, por ostentarem a característica de invisibilidade, necessitam recorrer à linguagem para adentrar o mundo e somente permanecem nele sob forma de uma lembrança compartilhada ou de uma narração pública. Dessa forma, o mundo, para Hannah Arendt, é concebido pelas atividades humanas, pois cada atividade contribui de maneira distinta e em diferente medida para a sua existência objetiva e durabilidade. A mundanidade das atividades humanas não permaneceu inalterada no tempo, pelo contrário, está condicionada pela existência e preservação do corpo político, onde seus efeitos se propagam e perduram na memória e na história.

A análise das atividades humanas presentes na obra *A Condição Humana*, tem como objetivo a distinção entre o trabalho, a obra e a ação. Ao caracterizar as atividades da *vita activa*, Arendt nos apresenta a ação como a única atividade estabelecida totalmente na esfera pública, e o trabalho e a obra entre as esferas pública e privada. Trabalho esse que se caracteriza por ser a atividade humana ligada ao processo de reprodução do homem enquanto ser biológico e cujo resultado desaparece com o consumo. É a menos mundana das atividades da *vita activa*. De acordo com Arendt, é a atividade que se destina à alimentação do processo biológico da vida: a preservação das vidas individuais e a perpetuação da espécie. Tudo o que o trabalho produz está destinado a ser consumido, pois serve para satisfazer as necessidades vitais dos homens. É esse mesmo homem que trabalha e fica restrito ao âmbito privado da vida. Os produtos do trabalho são por natureza perecíveis: mesmo não consumidos, não permanecem no mundo o tempo suficiente para se tornarem parte dele, pois se degradam e retornam à natureza de onde vieram. A emancipação do trabalho significou o abandono da esfera privada e da sua participação

na esfera pública. A produtividade do trabalho, além de assegurar sua própria reprodução, garante a reprodução de mais um processo de vida, pois todo o ato de trabalhar passa a ser *produtivo*, no sentido de que deixa algo detrás de si.

No entanto, a obra é a atividade por meio da qual o homem fabrica os artefatos humanos e o seu resultado é dotado de durabilidade e permanência para além das vidas humanas particulares. Para Arendt, sem a produção dos artefatos, o mundo não se torna um abrigo para manifestação da excelência humana.

Devido a sua responsabilidade para com o mundo, Hannah Arendt teria introduzido uma nova categoria na teoria filosófica que trata do homem, ao dizer que a natalidade é diferentemente da mortalidade, sem dúvida, a categoria central do seu pensamento político.¹² Com o aparecimento do homem na face da Terra, foi inaugurada a possibilidade de criação daquilo que é o próprio início, isto é, o homem é o começo por excelência. O homem é o começo necessário ao mundo, para que as coisas que compõem esse mundo sejam por ele modificadas. Dessa forma, temos no pensamento de Hannah Arendt os fundamentos de uma antropologia filosófica, cujo cerne encontra-se na responsabilidade para com a nossa atuação no mundo. A vivência do homem no *habitat* da Terra se dá por meio do trabalho, da obra e da ação, que juntas, essas atividades humanas, formam o que Arendt denominou de *vita activa*.

O trabalho é uma condição da *vita activa* que corresponde às exigências dos processos biológicos do corpo humano. É por meio da atividade do trabalho que os seres humanos procuram sobreviver aos impasses ligados às suas necessidades vitais. Além de garantir a sobrevivência individual, o trabalho se volta para a sobrevivência da espécie humana sobre a Terra. Por meio do trabalho, o homem se faz *animal laborans*. Os bens de consumo produzidos pelo trabalho possuem simplesmente, a tarefa de nutrir o processo vital. Não há fixação dos produtos do trabalho no tempo, de maneira suficiente a permitir que o homem desfrute da durabilidade necessária para transcender ao tempo e à vida de seus produtores. Pois, uma atividade voltada somente para o apelo da subsistência, não permite a fixação dos feitos humanos no tempo para desfrute das gerações vindouras. Desse modo, pode-se dizer que há um problema levantado por Arendt, a saber: ocorre pelo trabalho uma alienação que não permite o situar-se do homem no mundo, enquanto portador de feitos duráveis. Na modernidade ocorre a “glorificação do trabalho como fonte de todos os valores” e, conseqüentemente, a elevação do *animal laborans*¹³. Trata-se de um problema que nos coloca diante do fato de que o homem, uma vez alienado das questões do mundo, encontra-se diante da vitória do *animal laborans*. Arendt diz que “o *animal laborans* é, realmente, apenas uma das espécies animais que povoam a Terra - na melhor das hipóteses, a mais desenvolvida”¹⁴.

A obra ou fabricação se liga à questão da mundanidade ou mundanismo. No dizer de Elizabeth Young-Bruehl “os homens erigem um mundo sobre a Terra e a cada acréscimo durável a esse mundo torna-se parte da condição humana do mundanismo”. Arendt afirma que a obra acrescentada ao seu produto, o artefato humano, possui a tarefa de conferir medidas de permanência e durabilidade, opondo-se, a exemplo do que ocorre hoje com o trabalho, à futilidade da vida mortal. Neste caso, é a de que a obra, enquanto fabricação, diferentemente do trabalho na modernidade,

12 (ARENDR. 2010, p. 17).

13 (ARENDR. 2010, p. 105).

14 Idem, p. 104.

garante impedir o caráter passageiro do homem sobre a Terra, pois ele registra a sua permanência em seu *habitat* por meio dos feitos humanos, portanto, a sua condição é de *homo faber*. No entanto, o fabricante de coisas não estabelece um metabolismo com a natureza, mas a sua atitude é violação dessa natureza para dela extrair materiais para a produção da infinidade de coisas que constituem o artifício humano, o mundo. Uma vez, dispondo desse material, o fabricante utilizando-se de sua maestria, aplica-se sobre ele, um modelo previamente concebido e que depois de terminado o produto, jamais desaparecerá¹⁵.

Percebe-se que existe nas análises arendtianas o registro da distinção entre trabalho e obra. É uma interpretação, cuja distinção Hannah Arendt a considera como uma evidência que não deve ser ignorada. No que se refere à ação, trata-se de uma atividade política por excelência, daí ela ser a expressão do *bios politikos*. A movimentação, ou seja, a dinâmica no seio de um corpo político depende da ação humana para poder acontecer. Na perspectiva arendtiana, não é possível que um corpo político seja composto por indivíduos isolados, até porque, a presença em seu interior do elemento ação, que lhe é indispensável, constitui-se como uma condição que os homens lançam mão, sustentados pelo fato deles permanecerem na dependência de seus semelhantes.¹⁶ Estar isolado, é o mesmo que estar privado da capacidade de agir¹⁷.

1.1. O DOIS-EM-UM SOCRÁTICO E O PAPEL DO ESPECTADOR

Arendt nos apresenta a capacidade humana essencial para que as condições do homem, mesmo que finitas, possam ser possíveis. Para que a busca de significado se torne presente. Trata-se de uma capacidade que se configura na faculdade do pensar.

Para Hannah Arendt, a gênese da atividade do pensamento encontra-se no ato do Espanto, chamado pelos gregos de *Thaumadzein*. Arendt buscou em sua reflexão explicitar a importância do pensamento como atividade condizente com a pluralidade humana e necessária para a nossa existência no espaço público. Para tal, se reporta à condição do dois-em-um socrático como um referencial para o pensar. Mas o que seria o dois-em-um? Arendt diz que o dois-em-um de Sócrates se realiza na pessoa considerando a presença de sua própria consciência. Em outras palavras, pode-se dizer que o dois-em-um se estabelece através do meu eu na companhia de minha própria consciência, daí eu nunca poder entrar em contradição comigo mesmo. Situação que se torna evidente observando a questão da pluralidade admitida por Arendt. Pois para ela, os homens existem no plural, e essa pluralidade já existe dentro de cada um de nós, pois se torna evidente, quando tomamos consciência do processo do dois-em-um do pensamento.

Arendt, em sua obra, chama a atenção para a forma com a qual a tradição tende a priorizar a vida do filosofar, ou a vida contemplativa do espírito como o estilo de vida favorito, o que resulta no sufoco da diversidade na política, visto que a maioria dos teóricos políticos defende a única série verdadeira de doutrinas políticas em vez de abrir-se à diversidade de opinião na esfera pública. *Pois ao falar so-*

15 CORREIA, Adriano. Apresentação à nova edição brasileira. In: A condição Humana, p. XXVII.

16 ARENDT. *Trabalho, obra, ação*. Tradução de Adriano Correia com revisão de Theresa Calvet de Magalhães, p. 356.

17 (ARENDT. 2010, p. 188).

bre o modelo socrático do dois-em-um, Hannah Arendt quer estabelecê-lo como um referencial para o pensar¹⁸. Para nossa autora, o focalizar a vida do espírito ou na vida contemplativa, pode aguçar a perspicácia na filosofia e na teoria, mas se torna uma maneira inadequada para a compreensão da política, uma vez que se concentra nessa atividade. Para Hannah Arendt, o pensar não visa a princípio o agir, pois é uma atividade desinteressada, e que tem por tarefa buscar significado. E é a partir dessa busca por significação que Arendt coloca a questão de que as coisas só existem no mundo para serem vistas e percebidas por alguém.

Mas como Arendt concebe essa relação de significação e percepção das coisas no mundo? Para tal, a autora coloca a relação ator/espectador. E é a partir dessa relação que para ela, Ser e Aparecer coincidem, pois são tidos como indissociáveis. Mas nesse contexto, o que Arendt entende por Ser e Aparecer?

Esse mundo que Arendt se refere é o local onde vivemos, onde existimos. Dentro desse mundo podemos estar em duas condições: a de ator ou a de espectador. O ator faz a cena, é parcial, pois depende da opinião, ou seja, da *doxa* do espectador. O espectador se retira da condição de atuar e se apropria da condição do pensar. É ele quem exprime uma opinião ao ator, uma opinião desinteressada e singular de cada espectador.

Dessa maneira, aparecer significa se mostrar para os outros, isto é, aos espectadores. No entanto, o modo como às coisas aparecem varia de acordo com o ponto de vista deles. Esses espectadores que possuem o privilégio de somente eles poderem ocupar-se de uma posição que lhe permita ver o jogo, a toda à cena. A retirada do envolvimento direto da cena, para uma posição fora do jogo, proporciona a ele conhecer e compreender o que quer que se ofereça como espetáculo.

Com o espectador, pode-se compreender a “verdade” sobre o espetáculo; mas a consequência dessa verdade, é a retirada da participação desse espetáculo. Pois, a retirada do envolvimento direto para uma posição fora do jogo, não implica em apenas se colocar na condição do julgar, mas também, é a condição para compreender o significado desse jogo.

A pluralidade para Arendt acontece na medida em que o espectador está inserido em uma realidade, e a partir da circunstância que ele está inserido, os atores irão aparecer para ele de uma determinada maneira. Dessa maneira, o que interessa essencialmente ao ator é a *doxa*, a opinião, pois a maneira pela qual ele aparece para os outros, para o espectador, é decisiva; ele depende do parecer do espectador, pois não é seu próprio senhor. Por isso ele deve se portar de acordo com o que os espectadores esperam dele, e o resultado está sempre nas mãos dos espectadores.

O veredito do espectador, ainda que imparcial e livre dos interesses, não é independente ao ponto de vista dos outros. Os espectadores, embora livres da particularidade característica do ator, não estão solitários. Tampouco são autossuficientes. No entanto, para Arendt, mesmo não sendo autossuficientes, os espectadores, e não os atores tem a chave do significado dos negócios humanos. Arendt chama Kant para o diálogo sobre essa questão. Pois, *os espectadores de Kant existem no plural, e é esta a razão pela qual ele pôde chegar a sua filosofia política*¹⁹.

Por esse motivo, Kant, consciente da pluralidade humana, pôde esquecer, convenientemente, que

18 (OLIVEIRA. 2006, p. 91-102).

19 (ARENDR. 1993).

se o espetáculo fosse sempre o mesmo, e, portanto, se fosse repetitivo, as audiências, ou seja, os espectadores mudariam de geração para geração. Dessa maneira, torna-se pouco provável que uma nova audiência chegasse às mesmas conclusões legadas pela tradição sobre o que teria a dizer em uma peça imutável, pois eles exercem a faculdade do pensar por sempre buscar o significado dos atos.

Mas então, para Arendt, como se dá a presença dos espectadores em relação ao pensar? Para responder tal questão, Arendt recorre outra vez a Kant, pois ela atribui que o papel do espectador é o mesmo papel do filósofo, pois eles se retiram do mundo, isto é, do espetáculo. Arendt não concebe o pensamento como fuga dos problemas mundanos, pois para ela o pensamento não pode ser entendido como uma omissão para com as coisas do mundo, mas sim como uma abertura, como uma interrupção do cotidiano. O papel do espectador não pode ser colocado como fuga nem descompromisso, mas um abandono que favorece a possibilidade de distanciar-se e reaproximar-se das coisas com um novo olhar.

CONCLUSÃO

Para analisar tal questão, Arendt busca a distinção entre o pensar e o conhecer. No entanto, devemos também a Kant essa distinção. O pensamento questiona, analisa, perpassa cada coisa, fato ou pessoa que se apresenta diante de nós, mas toda esta atividade não nos deixa nenhum resíduo. *Para Arendt, a ideia da atividade do pensamento é como a teia de Penélope: desfaz-se toda manhã o que foi terminado na noite anterior*²⁰.

Kant propõe duas faculdades espirituais, são elas: a razão e o intelecto, e faz uma distinção entre elas. Distinção essa que se reporta aos termos *vernunft* e *verstand* que tratam dessas faculdades. Traçou ainda essa distinção entre essas faculdades espirituais após haver descoberto um “escândalo da razão”, ou seja, o fato de que o nosso espírito não é capaz de um conhecimento certo e verificável em relação a assuntos e questões sobre os quais, no entanto, ele mesmo não pode impedir de pensar.

Para Kant, diz Arendt, esses assuntos dos quais apenas o pensamento se ocupa, restringiram-se o que se chama de “questões últimas”, que podem ser representadas por: Deus, a liberdade e da imortalidade. Independentemente do interesse existencial dos homens por essas questões, a “necessidade urgente” da razão não só é diferente, mas é muito mais do que a busca e o desejo de conhecimento. Pois Kant “*não negou o conhecimento*”, *mas distinguiu o conhecer do pensar, abrindo espaço não para a fé, mas para o pensamento*²¹.

Assim a distinção entre as duas faculdades, a razão e o intelecto, coincidem com a distinção entre duas atividades espirituais completamente diferentes: o pensar e o conhecer. Kant nos diz ainda que o homem possui uma necessidade de razão, ou seja, de pensar além dos limites do conhecimento, de buscar algo além de um instrumento de pensar e agir²². Pois somente o pensamento pode satisfazer essa necessidade de pensar. Necessidade essa que só será realmente satisfeita se os pensamentos que tivermos ontem puderem satisfazer as necessidades de hoje, e se pudermos pensá-los novamente.

20 (ARENDR. 2009, p. 151).

21 (ARENDR. 2009, p. 149).

22 (ARENDR. 2009, p. 148).

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA BASE

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Revisão. Adriano Correia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARENDT, Hannah. **A Dignidade da Política**. Trad. Helena Martins Frida Coelho, Antônio Abranches, César Almeida, Cláudia Drucker e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito**. Trad. Antônio Abranches, César Augusto de Almeida e Helena Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Um Relato sobre a Banalidade do Mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 2. ed. Trad. Mauro V. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ARENDT, Hannah. **Da Revolução**. 2. ed. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Ática e UnB, 1990.

ARENDT, Hannah. **Hannah Arendt: a promessa da política**. Organização e introdução de Jerome Kohn; tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIPEL, 2010.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARENDT, Hannah. *Labor, obra, action* (Hannah Arendt). Trad. Adriano Correia. In: Adriano Correia (Org.). **Hannah Arendt e a condição humana**, p. 336-337. Salvador: Quarteto Editora, 2006.

ARENDT, Hannah. **O que é Política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARENDT, Hannah. **Responsabilidade e Julgamento**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

AGUIAR, Odílio A. **Filosofia Política e Ética em Hannah Arendt**. Ijuí: Unijuí, 2009.

BIGNOTTO, Nilton. Totalitarismo e liberdade no pensamento de Hannah Arendt. BIGNOTTO, Nilton. MO-RAES, Eduardo Jardim (Org.). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões e memórias**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CORREIA, Adriano (Org.). **Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a Filosofia e a Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

LEFOR, Claude. Hannah Arendt e a questão do político. In: **Pensando o Político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade**. Tradução Eliana M. Souza - Rio Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Petrópolis: Vozes. 2009.

HEIDEGGER. Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2. Ed. 2007.

NASCIMENTO, Paulo; BREA, Gerson; MILOVIC, Miroslav (Orgs.). **Hannah Arendt: Filosofia ou Política?** São Paulo: Annablume, 2010.

OLIVEIRA, José Luiz de. A Relevância da Filosofia do Direito em Hannah Arendt... In: **Revista Jurídica do IPTAN**. Ano I. Vol. I. 2006.

SIVIERO, Iltoomar. **O Sentido da Política**. Passo Fundo: IFIBE. 2008.

WAGNER, Eugênia Sales. **Hannah Arendt: Ética e Política**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

WINCKLER, Silvana: A mundanidade das atividades humanas. In: Adriano Correia (Org.). **Hannah Arendt e a condição humana**. Salvador: Quarteto Editora, 2006.